

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Baltazar, Isabel

**Recensão : Os Estados Unidos da Europa :
manifesto para uma nova Europa**

<http://hdl.handle.net/11067/5651>

Metadados

Data de Publicação	2007
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 04 (2007)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T19:17:59Z com
informação proveniente do Repositório



Guy Verhofstadt, *Os Estados Unidos da Europa. Manifesto para uma nova Europa*, Lisboa, Gradiva, 2006, 90 pp.

Eis uma obra invulgar para o século XXI: um manifesto a defender os *Estados Unidos da Europa*, fazendo lembrar os tempos de Victor Hugo e a afirmação romântica da unidade europeia. Após o século XIX, também no seguinte ouvimos a mesma expressão, proclamada, por exemplo, por Winston Churchill, que pretendia impulsionar a construção da Europa. Nesta obra, é também um político, primeiro-ministro belga que faz a mesma apologia, num tempo em que qualquer federalismo parece contrariar a possibilidade da marcha europeia. Daí a sua invulgaridade.

No prólogo ao manifesto, Guy Verhofstadt traça um retrato da nova ordem mundial presente, com a implosão da União Soviética, novos pólos económicos a Oriente – Japão, China e Índia –, e uns Estados Unidos com o seu peso político e militar tradicional. A Europa está dividida e debilitada: “A Europa *aterrou* numa encruzilhada. Aquilo que ela menos precisa neste momento é de mais meandros institucionais ou de artimanhas comunitárias para fazer inverter a situação. Temos de nos resguardar das opções que apresentam as soluções mais fáceis. Ou deixamos a Europa encolher-se ao ponto de se tornar uma simples zona de comércio livre, ou optamos por uma Europa política, uma nova Europa, indo assim, de novo, ao encontro do sonho dos cidadãos europeus” (p. 85).

Para o autor, a única saída para a Europa ser, ainda, um actor proeminente na ordem internacional, é aprofundar a sua integração: “Só uns Estados Unidos da Europa enérgicos poderão fazer face ao desafio e ir ao encontro das expectativas dos cidadãos. Para tal, temos de permitir à União o trilhar de novos caminhos” (p. 8). Podemos perguntar: Que cidadãos desejam, efectivamente, uma integração destas? Para os que desconfiam desta ideia tão arrojada, o político oferece uma solução: “O ideal seria que isso acontecesse simultaneamente em todos os países

da União. Mas se tal não for possível, serão mobilizados todos os países da Zona Euro, incluindo aqueles que, a curto prazo, dela farão parte. Assim, a Europa comportará dois círculos concêntricos: um núcleo político, os *Estados Unidos da Europa* alicerçados na Zona Euro; e à sua volta, uma confederação de Estados, a *Organização de Estados Europeus*” (p. 7).

Esta proposta de uma Europa a duas velocidades, pretende oferecer uma solução para ultrapassar a crise, e apresentar um projecto europeu definido de uma vez, que seja credível, sobretudo, para as novas gerações: “O cidadão quer uma Europa mais forte, mais eficaz, uma outra Europa (...). Por outras palavras, o cidadão europeu quer um projecto europeu que volte a actuar e que seja uma inspiração. Mas para isso é preciso que a Europa faça uma escolha clara, uma escolha à qual até agora ela se tem esquivado” (p. 28). Paradoxalmente, quando pensamos que a Constituição Europeia foi rejeitada por ser demasiado arrojada, Guy Verhofstadt afirma o contrário: “Na França e na Holanda há também uma maioria que quer mais Europa, e não menos. A constituição não foi rejeitada por ser demasiado ambiciosa, mas justamente porque era pouco ambiciosa. Do que nós precisamos é de um projecto claro, de um objectivo bem delineado e de uma vontade política para o concretizar” (pp. 85-86).

São estas as ideias de um político que conhece por dentro as experiências de negociação europeias, os entraves que surgem sempre que é necessário tomar uma decisão, e que, corajosamente, se apoia na própria experiência histórica de criação dos Estados Unidos da América, para defender o mesmo modelo federal para a Europa. A diferença reside na possibilidade de conciliar um modelo federal com um modelo intergovernamental, ou, segundo o sugestivo título de um dos capítulos “Uns Estados Unidos da Europa numa Organização de Estados Europeus” (p. 85).

A originalidade deste manifesto reside na ideia de que os “Estados Unidos da Europa” são a única saída para a Europa. Sem meias soluções, o autor é radical: “Não faz sentido algum mantermo-nos juntos, agarrados uns aos outros, e passar a vida a resmungar acerca do caminho a seguir, deixando que os outros continentes nos ultrapassem a alta velocidade. Deparamo-nos com uma opção clara: não mudar e ficar a assistir da bancada lateral, ou reformar e jogar na cena mundial. Vamos optar pelos *Estados Unidos da Europa*” (p. 10). Terá chegado o tempo de realizar a utopia?

Isabel Baltazar